

READMISSÃO E QUALIDADE DO EMPREGO NAS TRAJETÓRIAS PROFISSIONAIS DOS TRABALHADORES DA INDÚSTRIA NAVAL DO RIO DE JANEIRO

Ricardo da Silva Freguglia¹

RESUMO

Este artigo tem por objetivo a análise dos trabalhadores desligados da indústria de construção naval do Rio de Janeiro e suas respectivas trajetórias ocupacionais entre 1989 e 1997, buscando evidências sobre as deteriorações do capital humano destes indivíduos acumulado ao longo de suas vidas profissionais. Esta perda de capital humano dos trabalhadores foi resultante das probabilidades de saída do mercado formal de trabalho ou de readmissão ocorrida com degradação da qualidade da mão-de-obra e do novo emprego por eles ocupado. Os principais resultados obtidos indicam a existência de uma perda do capital humano destes trabalhadores em consequência dos insucessos de seus deslocamentos profissionais. O perfil dos trabalhadores egressos do setor formal é de elevada qualificação, sendo provenientes de bons empregos. Aqueles que reingressam adquirem novos empregos de pior qualidade e com relativa piora de sua qualificação.

Palavras-chave: indústria naval do Rio de Janeiro; emprego; trajetória ocupacional.

ABSTRACT

This paper analyses the behavior of workers fired from the shipping industry of Rio de Janeiro and their respective professional courses between 1989 and 1997, looking for evidences about the depreciation of their human capital. This loss of worker's human capital results from their likelihoods of leaving the formal labor market and of being readmitted with quality degradation of their skills and of the new job. The major results obtained show that losses of human capital exist due to migration failure. The characteristics of the workers that do not return to their formal jobs is high qualification, as they come from good jobs. Those workers who are readmitted acquire new jobs of lower quality and undergo a relative decrease in their own qualification.

Key-words: shipping industry of Rio de Janeiro, Brazil; employment; professional trajectories.

1. Professor Assistente da FEA/UFJF, e-mail: fregugli@fea.ufjf.br.

INTRODUÇÃO

O mercado de trabalho brasileiro apresentou mudanças significativas diante do novo contexto econômico durante a década de 90. Os níveis de emprego industrial e formal foram sensivelmente reduzidos como consequência, em grande parte, do processo de ajuste e reestruturação produtiva efetuado pelas empresas, com a adoção de medidas para aumentar a produtividade e competitividade de seus produtos.

O início da década de 90 foi marcado por mudanças estruturais ocorridas em meio ao ambiente de recessão vigente. Essas reformas aceleraram o processo de ajuste e reestruturação produtiva, com consequências diretas sobre o emprego formal na indústria. O novo ambiente econômico, de estabilidade macroeconômica e de maior competição e integração internacional, transformou os padrões de competitividade aos quais as empresas brasileiras estavam acostumadas, exigindo fortes ajustes dos seus métodos de produção. A resposta das empresas do setor industrial a este novo ambiente tem sido a adoção crescente de técnicas de produção poupadoras de custos e baseadas em mão-de-obra menos rígida.

A indústria de construção naval, que se encontra em declínio desde a década de 80, também é fonte desta reestruturação. No período de 1989 a 1996, o número de trabalhadores empregados se reduz de maneira progressiva em toda a indústria. O número de desligados aumenta relativamente aos ocupados, com implicações diretas sobre a conjuntura ocupacional e empregatícia do setor.

Em geral, processos como este tendem a provocar intensos movimentos de indivíduos no mercado de trabalho. Numa década de crescente desemprego, estudos voltados para as análises de perdas de capital humano relacionados às migrações mal-sucedidas ganham relevância. Determinados grupos de trabalho e setores de ocupação podem ser mais penalizados que outros. Considerando a trajetória de decadência da indústria naval, que se verifica no Rio de Janeiro de forma mais intensa, pretende-se analisar as características destes trabalhadores desligados e os destinos dos mesmos em períodos subseqüentes.

Assim, o objetivo deste estudo é analisar a mobilidade dos trabalhadores que foram desligados da indústria de construção naval fluminense por meio do acompanhamento de suas trajetórias profissionais entre os anos de 1989 e 1997, visando

à avaliação dos destinos empregatícios destes indivíduos. A partir de uma caracterização destes trabalhadores, pode-se avaliar a qualidade do emprego do trabalhador readmitido no setor formal.

Deste universo de desligados, as migrações destes indivíduos podem ser bem sucedidas quando não ocorre a perda definitiva de seu emprego no setor formal, isto é, quando eles são recontratados. Mas apenas esta readmissão não é suficiente para que os trabalhadores tenham sucesso em suas trajetórias ocupacionais. É necessário considerar também em que medida suas qualificações estão sendo preservadas neste processo, bem como identificar a qualidade do novo emprego.

A avaliação das probabilidades de reinserção no mercado formal de trabalho bem como de migração para fora do setor formal passa a ser, portanto, de fundamental importância neste estudo. Procura-se inferir sobre os setores de destino da mão-de-obra desligada, a variação salarial ocorrida na transição e sua estabilidade no novo vínculo.

A utilização da indústria naval como objeto de análise deste estudo provém do seu papel central representado na estrutura produtiva fluminense. Constituído-se um dos setores mais expressivos da indústria do estado do Rio de Janeiro, segundo dados do SINAVAL - Sindicato das Indústrias de Construção Naval (1997), o setor atingiu, na década de 70, sua maior produção de navios e o potencial de geração de empregos atingiu o seu auge, com quase 40.000 ocupados em todo o Brasil. Conforme os dados da PIA - Produção Industrial Anual (1996), aproximadamente 90%, em média, da produção dos estaleiros brasileiros entre 1989 e 1996 são provenientes daqueles instalados no Rio de Janeiro.

A indústria naval é caracterizada pela intensiva utilização de mão-de-obra em seu processo produtivo e pela introdução de inovações tecnológicas. As recentes transformações ocorridas no setor, seja como conseqüência da reestruturação produtiva ou da decadência vivenciada pelo setor nas últimas duas décadas, têm provocado importantes mudanças em sua conjuntura ocupacional e empregatícia. As formas tradicionais de produzir são substituídas pelas inovações tecnológicas, porém de maneira distinta daquela verificada por outras indústrias.

As especificidades da indústria naval, como a necessidade de encomenda do produto, por exemplo, caracterizam-na como uma atividade de montagem cujo fator de produção predominante é a mão-de-obra. Não há linha de montagem no sentido convencional e os operários têm que realizar atividades variadas que reque-

rem preparação e treinamento especializados. Os estaleiros exigem, assim, um elevado nível de qualificação de seus trabalhadores.

Apesar dessas particularidades, os ganhos de produtividade advindos de melhorias tecnológicas obtidas também provocam uma redução do quadro de funcionários. Segundo estudo do BNDES (1997), mesmo que hipoteticamente a produção do setor volte a sua plena capacidade, o volume de empregos oferecidos se reduziria consideravelmente e dificilmente chegaria a 20.000 trabalhadores.

Em suma, todos esses fatores fazem do navio um produto com características muito peculiares, que devem ser levadas em consideração, juntamente com a complexa cadeia de atividades necessárias à produção da indústria naval, quando o objeto de estudo é o mercado de trabalho na indústria de construção naval.

Para identificar os fatores que condicionam a readmissão dos trabalhadores desligados da indústria de construção naval no Rio de Janeiro, este estudo encontra-se dividido em cinco partes além desta introdução. A primeira parte destina-se a uma descrição teórica relacionando a mobilidade no mercado de trabalho com o capital humano dos trabalhadores. A segunda apresenta em detalhes a base de dados e a metodologia empregada. Na terceira parte, a readmissão dos trabalhadores da indústria de construção naval fluminense é situada no contexto de readmissões da indústria de transformação brasileira. Na quarta, analisa-se a reinserção destes trabalhadores em anos subseqüentes, buscando evidenciar se a migração da mão-de-obra provoca uma perda do capital humano adquirido, com possíveis deteriorações da remuneração média e da estabilidade no decorrer do tempo, além das mudanças intersetoriais. Os principais resultados obtidos neste trabalho são apresentados na seção final.

1. MOBILIDADE E CAPITAL HUMANO

O contexto de reestruturação industrial da década de 90 levou a sensíveis alterações no mercado de trabalho, principalmente no que tange às empresas. Estas passaram a utilizar novas tecnologias, conduzindo à necessidade de um aumento na qualificação dos trabalhadores, ao mesmo tempo em que poupou trabalho não-qualificado. De fato, a reestruturação industrial gera uma necessidade de qualificação diferenciada dos trabalhadores, na medida em que provoca uma segmentação entre os empregos mais ou menos produtivos.

Essa demanda por mão-de-obra mais qualificada gera reflexos na produtividade e no treinamento da mão-de-obra, uma vez que a determinação dos salários, entre outras variáveis, está diretamente associada à produtividade do posto de trabalho. Assim, empregos mais produtivos, que exigem trabalhadores mais qualificados, remuneram melhor, pagando salários mais elevados. O resultado, conforme Welmowicki, Além e Motta (1994), é uma ampliação do hiato entre os salários dos trabalhadores qualificados e não-qualificados e um aumento da dispersão salarial.

É importante ressaltar que a produtividade e os salários dos trabalhadores dependem tanto da sua qualidade como da qualidade dos postos de trabalho que ocupam. Com relação à qualidade do trabalhador, esta se refere a características que afetam o seu salário, independentemente de serem produtivas ou não. Barros *et al* (1997) afirmam que estas características podem afetar o salário porque afetam a produtividade do trabalhador, como um treinamento por ele realizado. De maneira similar, também podem afetar o salário simplesmente porque são valorizadas no mercado de trabalho, apesar de não afetar a produtividade do trabalhador, como acontece com sexo e cor.

Em suma, a qualidade da força de trabalho depende da qualificação, motivação e outros atributos produtivos como a dedicação, o esforço e a intensidade com que vão trabalhar, o tempo e o esforço que vão dedicar ao aprendizado e ao aperfeiçoamento das suas habilidades.

Por sua vez, a qualidade de um posto de trabalho, novamente utilizando a definição de Barros *et al* (1997), é tudo aquilo que difere este dos demais postos de trabalho. Todas as diferenças nas relações de trabalho podem ser associadas a diferenças na qualidade dos postos de trabalho desde que todos os trabalhadores sejam considerados idênticos.

Em geral, caracteriza-se um emprego como de má qualidade quando ele tem baixa produtividade e, portanto, oferece baixa remuneração. Além disso, maus empregos também tendem a oferecer péssimas condições de trabalho a seus ocupantes.

De fato, houve um movimento de piora da qualidade média dos empregos formais simultâneo a uma redução dos mesmos. Gonzaga (1996) salienta a precariedade destes novos postos de trabalho gerados bem como a deterioração dos postos de trabalho já existentes em 1980.

Constata-se também um aumento no grau de informalização das relações de trabalho no período, consideravelmente acentuada a partir de 1990. A terceirização do emprego foi crescente e os salários tendiam a convergir nos setores formais e informais da economia. Isto indica uma piora na qualidade de uma parcela significativa dos empregos formais.

É importante enfatizar que existem setores que obtiveram considerável melhora na qualidade média dos empregos no período, tanto em termos salariais quanto em termos de produtividade. Este fato tem levado a uma crescente segmentação interna do setor formal da economia (Barros *et al*, 1997). Em linhas gerais, os postos de trabalho apresentam-se de forma bastante heterogênea, com uma clara tendência ao declínio da qualidade média e ao crescimento desta heterogeneidade.

Caso ocorram mudanças estruturais na economia, deslocamentos entre as ocupações também ocorrerão. Um mercado de trabalho mais flexível pode levar a uma maior rotatividade do trabalhador e, neste caso, quanto maior a especialização dos trabalhadores, ou quanto maior seu capital humano específico acumulado, maior será o custo do ajuste.

Neste sentido, a teoria do capital humano constitui-se em um referencial teórico importante para o entendimento da mobilidade de trabalhadores quando se analisam os tipos de investimentos que podem ser realizados pelas empresas em prol do treinamento de seus trabalhadores. Como afirma Elias (1997), enquanto o treinamento geral aumenta a produtividade do trabalhador independentemente da atividade que ele desempenha na empresa, o treinamento específico tem impactos somente sobre o aumento da produtividade da firma que proporciona o treinamento.

A teoria sugere, portanto, que o custo do treinamento geral é pago pelos trabalhadores ao passo que os investimentos específicos da firma em capital humano são divididos entre trabalhadores e patrões. A ótica da repartição do investimento de treinamento específico baseia-se em dois argumentos básicos. Por um lado, o trabalhador tem incentivos para investir em capital humano específico – aceitando um salário menor que o mercado alternativo – caso ele adie a receita de um retorno em seu investimento. Assim, o trabalhador espera que salário pago após o treinamento seja maior que aquele que poderia ser obtido se não tivesse se submetido a este treinamento. O empregador, por sua vez, está disposto a pagar pelo treinamento específico se o custo pode ser recuperado em períodos seguintes na forma de um salário inferior ao produto marginal do trabalhador treinado.

É importante ressaltar que o investimento em capital humano é reduzido pela possibilidade de mudança de empregos para qualquer nível de capital humano. Ao mesmo tempo, o tempo gasto para procura decresce com uma melhor contribuição ou mais capital específico. Uma outra implicação refere-se à probabilidade de saída do mercado de trabalho, a qual declina com o aumento do tempo dedicado ao trabalho.

Conforme afirma Pero (1997), os processos de deslocamento de trabalhadores conduzem à possibilidade de perdas de investimento em capital humano tanto da parte deles quanto dos empregadores. Tal processo é avaliado por meio do aproveitamento ou não dos investimentos adquiridos ao longo de determinado período do ciclo de vida do trabalhador.

Muitas das perdas permanentes de trabalho advêm de mudanças estruturais na demanda por trabalho. Segundo Fallick (1993), estas mudanças podem incluir reduções de emprego gerais e permanentes em indústrias específicas, e tais reduções podem afetar a habilidade do trabalhador para encontrar outro emprego similar ao que ele perdeu. A habilidade e o empenho dos trabalhadores desligados para obter emprego e mover entre indústrias em resposta a incentivos econômicos ocasionados pela mudança estrutural constituem a principal função de determinar a habilidade da economia em ajustar-se gradativamente às novas circunstâncias.

Os trabalhadores demitidos adaptam-se às diferentes condições do mercado concentrando seus esforços para encontrar empregos naquelas indústrias que oferecem as maiores probabilidades de sucesso. Estas transições no trabalho industrial incluem a probabilidade de encontrar um trabalho e os níveis de salário esperados na indústria.

A migração para fora do mercado formal de trabalho é um tipo de possível perda de capital humano. No caso específico da indústria naval do Rio de Janeiro, a perda do posto de trabalho provavelmente deverá afetar a trajetória futura da mão-de-obra. De acordo com Pero (1997), existe uma dificuldade de volta do trabalhador ao seu emprego uma vez sendo demitido do mercado formal. Além disso, o fato de os trabalhadores serem qualificados e especializados apresenta óbvias implicações no que se refere à qualificação e à reconversão desta mão-de-obra. Com o atual quadro de mudanças da estrutura ocupacional no Brasil, os setores que tradicionalmente ofereciam bons empregos, ou seja, aqueles que pagavam salários médios mais altos e contratavam formalmente seus trabalhadores, como a in-

dústria de transformação, setor financeiro e empresas estatais, estão diminuindo sua participação na ocupação total.

A partir desse fenômeno, o que se verifica é o crescimento da participação do setor serviços e dos segmentos informais do mercado de trabalho na ocupação total. Nesse sentido, o processo de deslocamento dos trabalhadores pode estar provocando desperdício de capital humano já investido, tanto da parte dos trabalhadores quanto dos empregadores. Segundo Pero (1997), quando o trabalhador adquire uma nova ocupação e não reaproveita suas habilidades adquiridas no decorrer dos anos em sua profissão, pode estar ocorrendo perda de capital humano específico nesta transição, ocasionando uma redução de incentivos a futuros investimentos em capital humano.

Tendo em vista o crescente desemprego da indústria naval no estado do Rio de Janeiro, esse trabalho tem por objetivo identificar e analisar a mobilidade dos trabalhadores desligados da indústria em questão, verificando a possibilidade de uma migração destes para outro setor. Dado que a mão de obra dessa indústria é bastante especializada, pode-se mensurar e avaliar as conseqüências dos desligamentos ocorridos com relação a sua capacitação profissional.

2. FONTE DE INFORMAÇÕES E METODOLOGIA

A análise parte de dados que expressam o comportamento do mercado de trabalho formal brasileiro entre os anos de 1989 a 1997. A fonte de informações utilizada, a RAISMIGRA, constitui-se num acompanhamento feito pela Datamec/MTE por meio do PIS – Programa de Integração Social – de cada trabalhador industrial, com base em seu registro na RAIS – Relação Anual de Informações Sociais. Ela possibilita um acompanhamento longitudinal dos trabalhadores desligados da indústria conforme as variáveis disponíveis na RAIS, que neste trabalho serão evidenciadas de forma a identificar a qualidade dos trabalhadores e do emprego por eles ocupados. Além disso, pode-se identificar a reinserção, no mercado formal, destes trabalhadores após o desligamento, avaliando as condições do novo emprego.

A utilização da RAISMIGRA neste estudo está relacionada, por um lado, ao grande volume de dados referentes ao mercado de trabalho ainda pouco explorados e com elevado nível de desagregação, permitindo o acompanhamento da trajetória do indivíduo desligado da indústria naval fluminense. Por outro lado, a base é uma

fonte para análise de mobilidade do trabalho, na medida em que se pode acompanhar os trabalhadores desligados da indústria entre 1989 e 1996 em seu percurso pelo mercado formal de trabalho até 1997. Trata-se de painéis anuais, onde é possível acompanhar os indivíduos em diferentes pontos no tempo.

A RAISMIGRA permite, portanto, analisar as trajetórias dos trabalhadores desligados da indústria. Os movimentos de entrada e saída destes trabalhadores podem ser acompanhados pelo rastreamento do PIS – Programa de Integração Social – a cada ano, compondo distintos painéis da RAISMIGRA. Assim, a partir de um ano inicial, torna-se possível identificar as trajetórias profissionais destes indivíduos quando retornam ao mercado formal de trabalho entre 1989 e 1997. Desde que a empresa declare a RAIS e o trabalhador esteja formalmente empregado, informações demográficas bem como aquelas relativas ao seu vínculo empregatício são registradas.

Dessa forma, pode-se acompanhar a situação do trabalhador ao longo do tempo, permitindo a utilização do método longitudinal prospectivo. Este método, conforme salienta Menard (1991), consiste na aplicação de questionários de maneira repetida e em intervalos regulares sobre uma mesma população ou amostra de pessoas.

Cabe salientar que a RAISMIGRA apresenta as desvantagens de ser um registro administrativo, assim como a RAIS e o CAGED, e da perda de informações relativas a migrações para fora do setor formal. Além disso, como as informações provenientes da base são obtidas somente ao final de cada ano, não é possível elaborar uma trajetória contínua da história de vida de um determinado trabalhador no mercado formal.

No entanto, como vantagens da base, evidencia-se a possibilidade de acompanhar anualmente as trajetórias do trabalhador desligado da indústria. Tendo em vista que a base abrange as mobilidades ocorridas entre 1989 e 1997, pode-se acompanhar o trabalhador desligado da indústria durante nove anos, permitindo a aplicação de métodos longitudinais com elevados níveis de desagregação e grande extensão temporal.

O estabelecimento de três anos para controle permite a comparação dos painéis com o mesmo número de anos na trajetória dos indivíduos. Conforme a situação de saída ou retorno do trabalhador em relação ao mercado formal de trabalho, pode-se definir as proporções de distintos grupos de desligados da indústria naval

fluminense. Desse modo, em diferentes períodos ao longo dos anos de 1989 a 1995, pode-se obter as seguintes estimativas de análise:

$$P_{1t} = \text{probabilidade de readmissão em } t = \frac{\text{desligados e readmitidos em } t}{\text{desligados em } t}$$

$$P_{2t} = \text{prob. read. em } (t+1) \text{ ou } (t+2) = \frac{\text{desligados em } t \text{ e readmitidos em } (t+1) \text{ ou } (t+2)}{\text{desligados em } t}$$

$$(1-P)_{it} = \text{prob. migrar para fora do mercado formal} = \frac{\text{desligados em } t \text{ que não registraram um emprego formal entre } t \text{ e } (t+2)}{\text{desligados em } t}$$

Generalizando as readmissões, tem-se:

$$P_{it} = P_{1t} + P_{2t} = r / n$$

onde: $r = \text{readmitidos}$

$n = \text{número total de indivíduos desligados}$

$i = 1, 2$

$t = (1989, \dots, 1995)$

A reinserção do trabalhador foi determinada como resultante das probabilidades de readmissão segundo os setores que mais admitiram os trabalhadores desligados da indústria, o tipo de ocupação para a qual eles foram, o tempo médio de emprego e a remuneração média. As chances do trabalhador desligado da indústria naval retornar ou não ao mercado formal de trabalho ou, até mesmo, à própria indústria naval são avaliadas comparando possíveis perdas de capital humano específico do trabalhador, mensurado pela reinserção ou não dos trabalhadores no mercado formal segundo a qualidade do novo emprego. Nesta qualidade do novo emprego, são avaliados a nova remuneração, o destino setorial e a estabilidade.

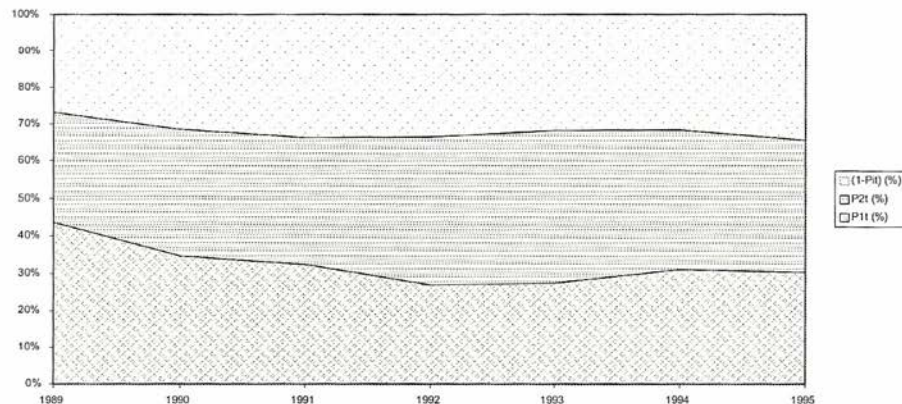
É importante salientar que, dentro do universo de trabalhadores readmitidos, o percentual daqueles que retornam em 31/12, seja no mesmo ano ou nos dois anos subsequentes, e não saem do formal nestes anos refere-se aos trabalhadores constantemente empregados. Como a rotatividade destes trabalhadores intra-ano não é captada, esta permanência constante no setor formal, isto é, a estabilidade, pode ser ainda mais reduzida. Portanto, a estabilidade refere-se ao trabalhador com vínculo empregatício em 31/12 do mesmo ano e nos dois anos subsequentes à readmissão.

3. A READMISSÃO DO TRABALHADOR DESLIGADO DA INDÚSTRIA NAVAL FLUMINENSE

De um modo geral, análises de proporções de participação de grupos de indivíduos em uma dada população, como os trabalhadores desligados da indústria naval fluminense, trazem importantes constatações sobre movimentos estruturais e sobre flexibilidades alocativas e salariais que ocorrem a partir do setor considerado (Freguglia, 2001).

Como a mobilidade do trabalhador sinaliza algo que está acontecendo no mercado, torna-se necessária a comparação das trajetórias ocorridas na indústria naval fluminense com a indústria de transformação brasileira². O Gráfico 1 mostra a evolução das trajetórias dos trabalhadores desligados da indústria de transformação brasileira entre os anos de 1989 e 1995, com acompanhamento longitudinal dos mesmos entre 1989 e 1997.

Gráfico 1
Probabilidade de readmissão dos desligados
da indústria de transformação brasileira



Fonte: RAISMIGRA/MTE, 1989-1995.

Embora haja um aumento da readmissão de trabalhadores no segundo ano após o desligamento, a proporção dos desligados que não são readmitidos no setor formal (1-P) ao longo dos anos é crescente. Em 1989, os trabalhadores que não

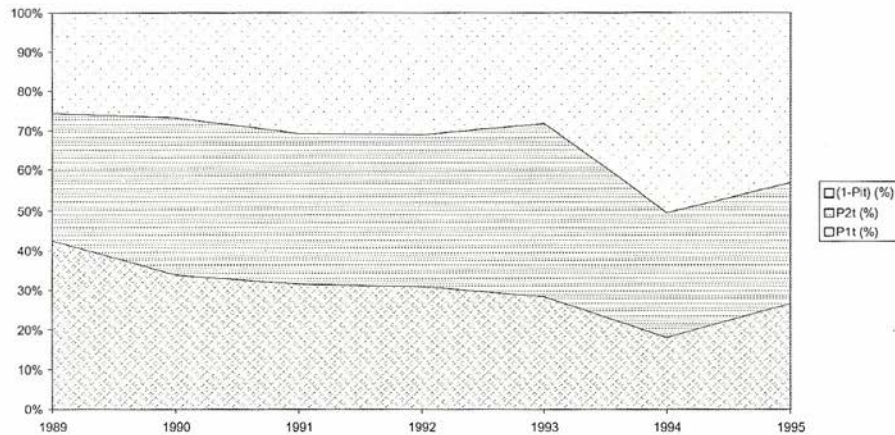
2. Para uma análise mais detalhada das trajetórias do trabalhador desligado da indústria de transformação brasileira utilizando estas proporções, ver Pero (1997) e Freguglia (2000).

retornam a uma atividade no mercado formal perfazem 26,88% do total de desligados. Já em 1995, esta probabilidade fica acima dos 34 pontos percentuais.

A comparação entre as probabilidades de readmissão e de saída do mercado formal de trabalho mostra que o trabalhador da indústria de transformação brasileira tem maior probabilidade de encontrar um novo emprego no setor formal nos anos seguintes ao ano de desligamento ou de ser excluído do mercado formal de trabalho na década de 90.

Acompanhando o Gráfico 2, pode-se analisar o caso da indústria naval do Rio de Janeiro. Em linhas gerais, verifica-se o decréscimo da proporção de trabalhadores da indústria de construção naval do Rio de Janeiro readmitidos no mercado formal no mesmo ano do desligamento. Entre os trabalhadores que retornam em anos subsequentes, este declínio é mais intenso somente a partir de 1994. Em contrapartida, ocorre o crescimento dos que migram para fora do mercado formal de trabalho.

Gráfico 2
Probabilidade de readmissão dos desligados
da indústria naval fluminense



Fonte: RAISMIGRA/MTE, 1989-1995.

Inicialmente, quando comparada aos resultados da indústria de transformação brasileira, a indústria naval apresenta uma proporção semelhante de trabalhadores readmitidos no mesmo ano. Caruso (1996) define a probabilidade de retorno a um

emprego formal como a empregabilidade do trabalhador, ou seja, a chance de voltar ao mercado de trabalho formal. A partir desta definição, os dados indicam que a empregabilidade na indústria naval fluminense é ligeiramente menor que aquela verificada na indústria de transformação brasileira.

Contudo, salta aos olhos as probabilidades de readmissão dos trabalhadores desligados da indústria naval dos últimos anos da série. A chance de saída do formal ultrapassa 50% em 1994 e atinge 43% em 1995, ao passo que, na indústria de transformação brasileira, a proporção é de 31,70% e 34,53%, respectivamente.

Este fenômeno pode ser explicado, em parte, pela reestruturação produtiva e pela crise vivenciada pela indústria desde a década de 80. Segundo Sabóia (1995), além das práticas de gestão de produção poupadoras de mão-de-obra, os empresários também podem estar utilizando práticas informais de contratação de trabalhadores. O aumento da informalidade, seja por meio do assalariamento sem carteira assinada, seja de forma indireta, pode ser uma das explicações para este aumento da probabilidade de saída do setor formal.

É necessário ressaltar que estes resultados indicam, ainda, a existência de outro fator, paralelo à reestruturação industrial em curso, que também se relaciona com os desligamentos ocorridos na indústria naval fluminense. Conforme Cardoso (1998), devido ao longo período sem emprego e a conseqüente perda de habilidades e de auto-estima, estas pessoas podem se tornar não empregáveis, sendo regularmente substituídas por outros trabalhadores no mercado de trabalho formal.

Uma vez readmitidos no setor formal, interessa saber qual é a condição do emprego para os trabalhadores provenientes da indústria naval do Rio de Janeiro. Para isto, três níveis de análise são necessários: a identificação dos setores de destino da mão-de-obra readmitida, a variação salarial ocorrida e a estabilidade do trabalhador.

4. A QUALIDADE DO EMPREGO DO TRABALHADOR READMITIDO

A mão-de-obra desligada da indústria naval fluminense, uma vez readmitida, pode estar migrando para outros setores, ou mesmo retornando ao próprio setor de origem. Além disso, interessa saber a variação salarial ocorrida entre o novo e o antigo vínculo empregatício do trabalhador, bem como o tempo de permanência

na nova atividade do setor formal. Todas estas características da readmissão condicionam o novo emprego do trabalhador e podem identificar os aspectos relacionados à sua qualidade. Este é o objeto de interesse desta seção que é composta de três partes.

A subseção 5.1 focaliza a análise das possíveis perdas de capital humano específico ocorridas principalmente quando os trabalhadores que retornam a um emprego no mercado formal não se situam no mesmo setor de trabalho. Na subseção 5.2, busca-se analisar os possíveis ganhos ou perdas salariais que podem estar ocorrendo com as readmissões. Os resultados podem indicar a existência de uma melhora ou piora na qualidade do posto de trabalho. Por fim, a seção 5.3 caracteriza a estabilidade do trabalhador readmitido segundo o tempo de emprego que possuía no momento do desligamento.

4.1 - Destino da mão-de-obra desligada

No estudo das trajetórias dos trabalhadores desligados da indústria naval do Rio de Janeiro, a identificação do destino desta mão-de-obra constitui-se uma questão fundamental para a avaliação de possíveis deteriorações do capital humano adquirido pelo trabalhador ao longo dos anos de sua vida profissional. Uma vez readmitido no setor formal, o trabalhador advindo de desligamentos ocorridos na indústria naval fluminense pode estar retornando para o próprio setor de origem ou adquirindo um novo vínculo empregatício em outros setores. Logo, as perdas serão maiores quando o trabalhador não reaproveita suas habilidades e conhecimentos específicos provenientes do vínculo anterior à readmissão.

A Tabela 1 apresenta o percentual de trabalhadores da indústria naval do Rio de Janeiro que é readmitido entre 1989 e 1996 conforme o setor de destino. Para uma melhor caracterização desta reinserção, o setor secundário foi desagregado em indústria de transformação e indústria naval fluminense.

A maior probabilidade de readmissão no mesmo ano do desligamento ocorre no setor secundário em todos os anos considerados. No entanto, como a indústria naval é uma atividade que exige uma alta especialização do trabalhador, esta reinserção imediata no setor secundário deveria ocorrer, em grande parte, na própria indústria naval. Assim, uma grande parcela do capital humano específico do trabalhador seria reaproveitado não apenas pelo próprio trabalhador, mas também pela firma.

Pela Tabela 1, nota-se que a distribuição das readmissões de trabalhadores que se desligam da indústria naval fluminense e retornam para o setor secundário descreve uma trajetória em forma de um U invertido ao longo dos anos 90. Em 1989, 52,11% dos trabalhadores que foram desligados da indústria naval fluminense retornam para o setor secundário. Em 1995, este percentual foi bastante semelhante, perfazendo 52,29% do total de readmitidos no setor formal.

Tabela 1

Readmissão na indústria naval fluminense, segundo setor de destino 1989-95

Ano de Desligamento e Setor	Read. mesmo ano		Read. 2 anos sub.		Total de Readm.	
	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
1989						
Secundário	2.737	58,09	1.578	44,21	4.315	52,11
Ind. Transformação	2.199	46,67	1.063	29,78	3.262	39,39
Ind. Naval	1.162	24,66	435	12,19	1.597	19,29
Terciário	1.728	36,67	1.674	46,90	3.402	41,08
Outros	211	4,48	286	8,01	497	6,00
Ignorado	36	0,76	31	0,87	67	0,81
Total	4.712	100,00	3.569	100,00	8.281	100,00
1990						
Secundário	1.420	49,63	1.677	50,32	3.097	50,00
Ind. Transformação	1.067	37,29	1.207	36,21	2.274	36,71
Ind. Naval	460	16,08	770	23,10	1.230	19,86
Terciário	1.237	43,24	1.347	40,41	2.584	41,72
Outros	184	6,43	281	8,43	465	7,51
Ignorado	20	0,70	28	0,84	48	0,77
Total	2.861	100,00	3.333	100,00	6.194	100,00
1991						
Secundário	860	56,10	913	49,78	1.773	52,66
Ind. Transformação	618	40,31	573	31,24	1.191	35,37
Ind. Naval	314	20,48	323	17,61	637	18,92
Terciário	562	36,66	725	39,53	1.287	38,22
Outros	100	6,52	180	9,81	280	8,32
Ignorado	11	0,72	16	0,87	27	0,80
Total	1.533	100,00	1.834	100,00	3.367	100,00

(continua)

Tabela 1

Readmissão na indústria naval fluminense, segundo setor de destino
1989-95

Ano de Desligamento e Setor	Read. mesmo ano		Read. 2 anos sub.		Total de Readm.	
	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
1992						
Secundário	582	60,88	559	47,29	1.141	53,37
Ind. Transformação	398	41,63	441	37,31	839	39,24
Ind. Naval	294	30,75	291	24,62	585	27,36
Terciário	281	29,39	486	41,12	767	35,87
Outros	87	9,10	117	9,90	204	9,54
Ignorado	6	0,63	20	1,69	26	1,22
Total	956	100,00	1.182	100,00	2.138	100,00
1993						
Secundário	358	47,93	720	62,99	1.078	57,04
Ind. Transformação	254	34,00	570	49,87	824	43,60
Ind. Naval	174	23,29	419	36,66	593	31,38
Terciário	213	28,51	398	34,82	611	32,33
Outros	174	23,29	1	0,09	175	9,26
Ignorado	2	0,27	24	2,10	26	1,38
Total	747	100,00	1.143	100,00	1.890	100,00
1994						
Secundário	826	66,72	1.076	49,52	1.902	55,76
Ind. Transformação	686	55,41	658	30,28	1.344	39,40
Ind. Naval	542	43,78	348	16,01	890	26,09
Terciário	380	30,69	1.058	48,69	1.438	42,16
Outros	2	0,16	10	0,46	12	0,35
Ignorado	30	2,42	29	1,33	59	1,73
Total	1.238	100,00	2.173	100,00	3.411	100,00
1995						
Secundário	944	55,20	975	49,74	1.919	52,29
Ind. Transformação	638	37,31	531	27,09	1.169	31,85
Ind. Naval	403	23,57	191	9,74	594	16,19
Terciário	737	43,10	972	49,59	1.709	46,57
Outros	1	0,06	5	0,26	6	0,16
Ignorado	28	1,64	8	0,41	36	0,98
Total	1.710	100,00	1.960	100,00	3.670	100,00

Fonte: RAISMIGRA/MTb 1989 a 1995.

No entanto, as readmissões ocorridas na própria indústria naval do Rio de Janeiro revelam um declínio mais acentuado nos anos de 1994 e 1995 em relação às readmissões no setor secundário. Além disso, as readmissões no setor de origem, que em 1989 representavam 19,29% do total de recontratados, decrescem para 16,19% em 1995. Comparativamente à indústria de transformação brasileira, como mostra a Tabela 2, verifica-se uma readmissão no próprio setor de origem substancialmente maior que aquela verificada pela indústria naval fluminense.

Tabela 2

Readmissão na indústria de transformação brasileira, segundo setor de destino 1989-95

Ano de Desligamento e Setor	Read. mesmo ano		Read. 2 anos sub.		Total de Readm.	
	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
1989						
Secundário	802.828	65,80	485.466	58,55	1.288.294	62,87
Ind. Transformação	735.087	60,25	428.359	51,66	1.163.446	56,78
Ind. Naval	3.253	0,27	1.250	0,15	4.503	0,22
Terciário	352.919	28,93	277.808	33,50	630.727	30,78
Outros	47.334	3,88	52.159	6,29	99.493	4,86
Ignorado	16.966	1,39	13.734	1,66	30.700	1,50
Total	1.220.047	100,00	829.167	100,00	2.049.214	100,00
1990						
Secundário	674.440	63,23	605.835	58,30	1.280.275	60,80
Ind. Transformação	612.891	57,46	533.602	51,35	1.146.493	54,45
Ind. Naval	1.565	0,15	1703	0,16	3.268	0,16
Terciário	320.611	30,06	339.818	32,70	660.429	31,36
Outros	57.338	5,38	78.406	7,55	135.744	6,45
Ignorado	14.186	1,33	15.077	1,45	29.263	1,39
Total	1.066.575	100,00	1.039.136	100,00	2.105.711	100,00
1991						
Secundário	542.978	63,74	517.806	57,91	1.060.784	60,75
Ind. Transformação	493.114	57,89	455.611	50,95	948.725	54,34
Ind. Naval	1.161	0,14	930	0,10	2.091	0,12
Terciário	243.290	28,56	285.775	31,96	529.065	30,30
Outros	55.173	6,48	80.692	9,02	135.865	7,78
Ignorado	10.411	1,22	9.918	1,11	20.329	1,16
Total	851.852	100,00	894.191	100,00	1.746.043	100,00

(continua)

Tabela 2

Readmissão na indústria de transformação brasileira, segundo setor de destino
1989-95

Ano de Desligamento e Setor	Read. mesmo ano		Read. 2 anos sub.		Total de Readm.	
	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
1992						
Secundário	343.664	62,61	478.686	59,46	822.350	60,74
Ind. Transformação	310.226	56,52	428.296	53,20	738.522	54,55
Ind. Naval	1.010	0,18	772	0,10	1.782	0,13
Terciário	157.030	28,61	248.762	30,90	405.792	29,97
Outros	43.099	7,85	65.363	8,12	108.462	8,01
Ignorado	5.086	0,93	12.237	1,52	17.323	1,28
Total	548.879	100,00	805.048	100,00	1.353.927	100,00
1993						
Secundário	319.924	61,50	463.827	60,24	783.751	60,75
Ind. Transformação	294.489	56,61	407.851	52,97	702.340	54,44
Ind. Naval	471	0,09	801	0,10	1.272	0,10
Terciário	147.929	28,44	249.518	32,41	397.447	30,81
Outros	47.387	9,11	39.904	5,18	87.291	6,77
Ignorado	4.924	0,95	16.680	2,17	21.604	1,67
Total	520.164	100,00	769.929	100,00	1.290.093	100,00
1994						
Secundário	431.549	65,67	475.233	60,48	906.782	62,84
Ind. Transformação	394.591	60,05	420.926	53,57	815.517	56,52
Ind. Naval	1.048	0,16	791	0,10	1.839	0,13
Terciário	189.341	28,81	269.292	34,27	458.633	31,79
Outros	25.405	3,87	34.563	4,40	59.968	4,16
Ignorado	10.817	1,65	6.720	0,86	17.537	1,22
Total	657.112	100,00	785.808	100,00	1.442.920	100,00
1995						
Secundário	521.539	62,97	574.728	60,49	1.096.267	61,64
Ind. Transformação	470.284	56,78	506.093	53,26	976.377	54,90
Ind. Naval	771	0,09	654	0,07	1.425	0,08
Terciário	266.370	32,16	334.063	35,16	600.433	33,76
Outros	34.310	4,14	39.098	4,11	73.408	4,13
Ignorado	6.027	0,73	2.309	0,24	8.336	0,47
Total	828.246	100,00	950.198	100,00	1.778.444	100,00

Fonte: RAISMIGRA/MTb 1989 a 1995.

Por outro lado, a distribuição dos trabalhadores readmitidos no setor terciário se comporta de maneira inversa àquela verificada na indústria. Em 1989, a participação dos readmitidos no setor serviços era de 39,39%, ao passo que este percentual chega a 46,57% em 1995. Cabe salientar, ainda, a tendência crescente das readmissões ocorridas no setor serviços a partir de 1993.

Como a probabilidade de saída do setor formal por parte dos trabalhadores desligados da indústria naval fluminense é consideravelmente aumentada nos anos de 1994 e 1995, as readmissões ocorridas na indústria reduzem-se nos anos mais recentes, especialmente no caso das recontrações realizadas pelos estaleiros do Rio de Janeiro. Ao mesmo tempo, verifica-se uma maior participação das readmissões no setor terciário nestes anos. Quando comparados aos resultados obtidos para a indústria de transformação brasileira, percebe-se que a readmissão em direção ao setor terciário é bem mais intensa na indústria naval do Rio de Janeiro.

Parte deste fenômeno pode estar associada ao substancial crescimento do setor terciário em relação ao secundário, como afirma Pero (1995). A mobilidade de trabalhadores que deixam a indústria em direção ao terciário tem sido crescente na década de 1990 e a indústria de transformação como um todo vem perdendo espaço como empregadora no país. Em contrapartida, conforme os resultados obtidos por Caruso e Pero (1996), os setores de comércio e de serviços estão aumentando sua participação no emprego total com o decorrer dos anos.

É interessante ressaltar que, na indústria, o maior número de readmissões dos trabalhadores da indústria naval ocorre na construção civil. No setor terciário, destacam-se as atividades de comércio e administração de imóveis e serviços técnicos profissionais. Outros importantes grupos de atividades no que se refere às readmissões são os serviços de alojamento, alimentação e reparos de aparelhos de comunicação, além daqueles que migram para o setor informal e aqueles que passam a realizar serviços terceirizados.

As conseqüências desses resultados direcionam-se para prováveis deteriorações do capital humano específico adquirido pelo trabalhador da indústria naval do Rio de Janeiro. Como se trata de trabalhadores treinados e altamente especializados, a tendência de redução das readmissões no próprio setor de origem e na indústria em geral dificulta o reaproveitamento destas habilidades no novo emprego, que ocorre com maior probabilidade no terciário ou mesmo fora do formal.

Uma outra análise da Tabela 1 que se faz importante é a comparação entre as proporções de readmissão no mesmo ano e em anos subseqüentes ao desligamento. Em geral, o trabalhador desligado da indústria naval dificilmente retorna ao seu setor de origem quanto maior o tempo decorrido em relação ao ano de seu desligamento. Em 1989, a proporção de trabalhadores que retornavam rapidamente ao emprego nos estaleiros fluminenses era de 24,66%, enquanto a readmissão em anos subseqüentes era de 12%. Já em 1995, o retorno imediato dos trabalhadores era de 23,57%, ao passo que os readmitidos em anos seguintes perfaziam 9,74%. Na indústria de transformação brasileira, esta diferença é bem menos intensa.

Este fato corrobora os resultados obtidos por Amadeo e Soares (1996), que indicam uma tendência de aumento do período médio de desemprego nos anos recentes, significando uma diminuição da probabilidade de reentrada no mercado de trabalho para o trabalhador desempregado da indústria naval fluminense. Assim, a capacidade do trabalhador desligado em competir por postos de trabalho com os que permanecem empregados tende a diminuir.

Em linhas gerais, a indústria naval se comporta de maneira não muito semelhante à indústria de transformação brasileira no que tange às readmissões entre 1989 e 1995. Apesar da maior readmissão se verificar no setor terciário tanto na indústria de transformação brasileira quanto na indústria naval fluminense, estas são mais intensas nesta última. De fato, as conseqüências do processo de reestruturação produtiva dos anos 90 foram refletidas mais intensamente na indústria. Além disso, a crise da indústria naval reforça este fato, provocando um incremento do setor serviços, a terceirização e a informalização do trabalho.

4.2 - Variação salarial da readmissão

Uma vez sendo readmitido no setor formal da economia, o trabalhador da indústria naval pode estar obtendo uma remuneração distinta daquela que possuía no momento do desligamento. Esta seção tem como objetivo analisar as variações nas faixas de remuneração média dos trabalhadores readmitidos no mesmo ano do desligamento, bem como daqueles que são readmitidos nos dois anos subseqüentes.

A partir dessa análise, será possível verificar se existem perdas salariais do trabalhador desligado dos estaleiros do Rio de Janeiro que apresenta um maior percentual de ocupados com elevada remuneração média em relação à indústria de transforma-

ção brasileira (ver Tabelas 3 a 6). Cabe salientar que a remuneração média do indivíduo é um forte indicador da qualidade do posto de trabalho que ele ocupa e, identificando sua variação, pode-se esclarecer um dos pontos centrais relativo às condições gerais de readmissão do trabalhador desligado da indústria naval fluminense.

Pelas Tabelas 3 e 4, pode-se verificar duas características importantes com relação à variação salarial dentro das faixas de remuneração média do emprego anterior dos trabalhadores readmitidos. Em primeiro lugar, constata-se um maior retorno proporcional de trabalhadores com perdas salariais, exceto para aqueles com até dois salários-mínimos. Em segundo, verifica-se uma inversão das proporções de trabalhadores readmitidos com baixa e alta remuneração no vínculo inicial entre 1989 e 1995.

No que se refere à primeira característica, a participação de trabalhadores é mais intensa entre aqueles que retornam ao mercado formal com salários inferiores em todas as faixas de remuneração do emprego anterior acima de dois salários-mínimos, independentemente das readmissões ocorrerem no mesmo ano ou em anos posteriores ao desligamento. Em outras palavras, apenas aqueles que ganham até dois salários-mínimos são readmitidos com remuneração superior. Isto acontece de maneira semelhante, porém mais intensa que aquela verificada na indústria de transformação brasileira.

É importante ressaltar que, conforme Pero (1995), a migração do setor industrial para outros setores, como o terciário, seja ele formal ou informal, representa uma perda de renda. Assim, grande parte dos trabalhadores que se movem para o setor serviços ou para fora do formal não o fazem por vontade própria. Isto porque, as probabilidades de conseguirem novamente um emprego onde pudessem reaproveitar suas habilidades e especialidades, como nos estaleiros fluminenses ou em indústrias afins, têm decrescido entre os anos de 1989 e 1995.

Como os trabalhadores que retornam no mesmo ano de desligamento e aqueles que retornam em anos posteriores comportam-se de maneira bastante semelhante, pode-se considerar a readmissão de uma maneira conjunta em um primeiro momento. Constata-se, assim, uma grande concentração de trabalhadores que voltam a um emprego formal com maiores níveis salariais, porém pertencendo a baixas faixas de renda no vínculo anterior – até dois salários-mínimos. Isso pode estar indicando que as empresas responsáveis pelos novos empregos recontratam os trabalhadores com renda inferior na maioria das vezes. Ainda assim, quando remuneraram melhor, possivelmente readmitem trabalhadores que recebem baixos salários, numa tendência decrescente com o tempo.

Tabela 3

Readmissão no mesmo ano, segundo remuneração média e variação salarial na indústria naval fluminense 1989-95

Remuneração Média	1989		1990		1991		1992		1993		1994		1995	
	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
0 a 2														
Estável	1	0,16	4	0,98	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	1	1,49
Inferior	168	27,45	142	34,72	35	22,44	14	20,59	6	13,95	25	30,49	14	20,90
Superior	443	72,39	263	64,30	121	77,56	54	79,41	37	86,05	57	69,51	52	77,61
Total	612	100,00	409	100,00	156	100,00	68	100,00	43	100,00	82	100,00	67	100,00
2,01 a 5														
Estável	1	0,05	0	0,00	1	0,15	0	0,00	0	0,00	1	0,31	2	0,50
Inferior	1.348	65,44	815	67,02	298	43,63	94	40,52	75	34,56	162	50,31	227	57,04
Superior	711	34,51	401	32,98	384	56,22	138	59,48	142	65,44	159	49,38	169	42,46
Total	2.060	100,00	1216	100,00	683	100,00	232	100,00	217	100,00	322	100,00	398	100,00
5,0 a 10														
Estável	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	1	0,35	6	1,36	5	0,78
Inferior	928	87,14	511	81,89	258	70,11	266	70,00	171	60,00	211	47,95	474	74,18
Superior	137	12,86	113	18,11	110	29,89	114	30,00	113	39,65	223	50,68	160	25,04
Total	1.065	100,00	624	100,00	368	100,00	380	100,00	285	100,00	440	100,00	639	100,00
Mais de 10														
Estável	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	2	0,66	6	1,03
Inferior	716	89,50	476	94,07	176	77,19	205	83,00	146	87,95	239	79,40	511	87,95
Superior	84	10,50	30	5,93	52	22,81	42	17,00	20	12,05	60	19,93	64	11,02
Total	800	100,00	506	100,00	228	100,00	247	100,00	166	100,00	301	100,00	581	100,00
Ignorado														
Estável	2	1,14	3	2,83	1	1,02	1	3,45	0	0,00	5	1,27	0	0,00
Superior	173	98,86	103	97,17	97	98,98	28	96,55	36	17,82	88	22,34	25	4,13
Total	175	100,00	106	100,00	98	100,00	29	100,00	202	100,00	394	100,00	606	100,00
TOTAL														
Estável	4	0,08	7	0,24	2	0,13	1	0,10	1	0,13	14	1,13	14	0,82
inferior	3160	67,06	1.944	67,95	767	50,03	579	60,56	398	53,28	637	51,45	1226	71,70
Superior	1548	32,85	910	31,81	764	49,84	376	39,33	348	46,59	587	47,42	470	27,49
Total	4.712	100,00	2.861	100,00	1.533	100,00	956	100,00	747	100,00	1.238	100,00	1.710	100,00

Fonte: RAISMIGRA/MTb 1989 a 1995.

Tabela 4

Readmissão nos anos subsequentes, segundo remuneração média e variação salarial na indústria naval fluminense 1989-95

Remuneração Média	1989		1990		1991		1992		1993		1994		1995	
	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
0 a 2														
Estável	0	0,00	0	0,00	1	0,65	0	0,00	0	0,00	1	0,77	2	2,17
Inferior	182	35,07	146	34,84	45	29,03	28	29,79	22	22,45	45	34,62	27	29,35
Superior	337	64,93	273	65,16	109	70,32	66	70,21	76	77,55	84	64,62	63	68,48
Total	519	100,00	419	100,00	155	100,00	94	100,00	98	100,00	130	100,00	92	100,00
2,01 a 5														
Estável	2	0,13	2	0,11	1	0,14	0	0,00	0	0,00	1	0,17	0	0,00
Inferior	1.051	65,77	997	55,54	378	52,65	162	62,07	140	46,82	357	62,09	260	63,26
Superior	545	34,11	796	44,35	339	47,21	99	37,93	159	53,18	217	37,74	151	36,74
Total	1.598	100,00	1795	100,00	718	100,00	261	100,00	299	100,00	575	100,00	411	100,00
5,01 a 10														
Estável	0	0,00	0	0,00	0	0,00	1	0,20	0	0,00	0	0,00	0	0,00
Inferior	725	83,43	476	76,28	462	79,52	399	80,93	284	70,82	811	81,10	625	82,24
Superior	144	16,57	148	23,72	119	20,48	93	18,86	117	29,18	189	18,90	135	17,76
Total	869	100,00	624	100,00	581	100,00	493	100,00	401	100,00	1.000	100,00	760	100,00
Mais de 10														
Estável	1	0,19	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00
Inferior	417	80,97	374	85,19	250	84,75	291	92,97	297	92,24	313	83,69	625	94,84
Superior	97	18,83	65	14,81	45	15,25	22	7,03	25	7,76	61	16,31	34	5,16
Total	515	100,00	439	100,00	295	100,00	313	100,00	322	100,00	374	100,00	659	100,00
Ignorado														
Estável	1	1,47	1	1,79	2	2,35	0	0,00	0	0,00	1	1,06	1	2,63
Superior	67	98,53	55	98,21	83	97,65	21	100,00	23	100,00	93	98,94	37	97,37
Total	68	100,00	56	100,00	85	100,00	21	100,00	23	100,00	94	100,00	38	100,00
TOTAL														
Estável	4	0,00	3	0,00	4	0,00	1	0,00	0	0,00	3	0,00	3	0,00
Inferior	2.375	66,55	1.993	59,80	1.135	61,89	880	74,45	743	65,00	1.526	70,23	1.537	78,42
Superior	1.190	33,34	1.337	40,11	695	37,90	301	25,47	400	35,00	644	29,64	420	21,43
Total	3.569	100,00	3.333	100,00	1.834	100,00	1.182	100,00	1.143	100,00	2.173	100,00	1.960	100,00

Fonte: RAISMIGRA/MTb 1989 a 1995.

Tabela 5

Readmissão no mesmo ano, segundo remuneração média e variação salarial na indústria de transformação brasileira 1989-95

Remuneração Média	1989		1990		1991		1992		1993		1994		1995	
	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
0 a 2														
Estável	4.014	0,85	4.786	1,41	2.458	0,94	2.777	1,48	2.419	1,23	2.533	1,39	4.860	2,51
Inferior	169.389	35,90	110.297	32,59	64.835	24,76	43.840	23,36	57.525	29,19	49.306	26,98	58.294	30,16
Superior	298.370	63,24	223.348	66,00	194.570	74,30	141.026	75,16	137.125	69,58	130.907	71,63	130.101	67,32
Total	471.773	100,00	338.431	100,00	261.863	100,00	187.643	100,00	197.069	100,00	182.746	100,00	193.255	100,00
2,01 a 5														
Estável	734	0,17	824	0,20	653	0,20	492	0,23	528	0,27	1.112	0,43	2.467	0,70
Inferior	307.050	70,15	273.148	66,45	191.113	59,17	111.329	53,04	120.674	60,68	136.401	53,05	192.402	54,92
Superior	129.911	29,68	137.064	33,35	131.239	40,63	98.057	46,72	77.680	39,06	119.605	46,52	155.442	44,37
Total	437.695	100,00	411.036	100,00	323.005	100,00	209.878	100,00	198.882	100,00	257.118	100,00	350.311	100,00
5,01 a 10														
Estável	87	0,05	62	0,04	66	0,05	51	0,07	57	0,09	233	0,25	730	0,52
Inferior	133.923	83,24	136.904	83,63	104.055	79,38	56.828	72,95	48.268	77,05	65.199	69,30	100.135	71,09
Superior	26.871	16,70	26.745	16,34	26.962	20,57	21.026	26,99	14.324	22,86	28.646	30,45	40.000	28,40
Total	160.881	100,00	163.711	100,00	131.083	100,00	77.905	100,00	62.649	100,00	94.078	100,00	140.865	100,00
Mais de 10														
Estável	53	0,05	19	0,02	36	0,04	33	0,06	32	0,07	178	0,23	1.035	0,90
Inferior	92.438	88,97	101.504	89,67	87.107	87,28	43.213	79,95	35.986	83,34	57.983	76,23	84.029	73,12
Superior	11.410	10,98	11.669	10,31	12.663	12,69	10.801	19,98	7.161	16,58	17.899	23,53	29.857	25,98
Total	103.901	100,00	113.192	100,00	99.806	100,00	54.047	100,00	43.179	100,00	76.060	100,00	114.921	100,00
Ignorado														
Estável	1.638	3,58	1.195	2,97	1.096	3,04	763	3,93	638	3,47	2.387	5,07	1.403	4,86
Superior	44.159	96,42	39.010	97,03	34.999	96,96	18.643	96,07	17.747	96,53	44.723	94,93	27.491	95,14
Total	45.797	100,00	40.205	100,00	36.095	100,00	19.406	100,00	18.385	100,00	47.110	100,00	28.894	100,00
TOTAL														
Estável	6.526	0,53	6.886	0,65	4.309	0,51	4.116	0,75	3.674	0,71	6.443	0,98	10.495	1,27
Inferior	702.800	57,60	621.853	58,30	447.110	52,49	255.210	46,50	262.453	50,46	308.889	47,01	434.860	52,50
Superior	510.721	41,86	437.836	41,05	400.433	47,01	289.553	52,75	254.037	48,84	341.780	52,01	382.891	46,23
Total	1.220.047	100,00	1.066.575	100,00	851.852	100,00	548.879	100,00	520.164	100,00	657.112	100,00	826.246	100,00

Fonte: RAISMIGRA/MTb 1989 a 1995.

Tabela 6

Readmissão nos anos subsequentes, segundo remuneração média e variação salarial na indústria de transformação brasileira 1989-95

Remuneração Média	1989		1990		1991		1992		1993		1994		1995	
	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
0 a 2														
Estável	4.525	1,18	2.892	0,87	4.175	1,51	4.509	1,65	4.529	1,49	3.941	1,71	6.671	2,58
Inferior	129.879	33,95	109.928	33,22	107.576	38,82	103.918	38,07	95.883	31,49	81.378	35,28	84.968	32,91
Superior	248.166	64,87	218.088	65,91	165.371	59,67	164.549	60,28	204.078	67,02	145.351	63,01	166.579	64,51
Total	382.570	100,00	330.908	100,00	277.122	100,00	272.976	100,00	304.490	100,00	230.670	100,00	258.218	100,00
2,01 a 5														
Estável	377	0,13	611	0,14	594	0,15	644	0,19	656	0,21	922	0,28	1.587	0,36
Inferior	191.842	65,25	294.450	66,95	269.463	70,18	231.204	69,05	183.773	59,75	211.113	63,82	265.819	60,37
Superior	101.770	34,62	144.727	32,91	113.910	29,67	102.968	30,75	123.128	40,03	118.737	35,90	172.879	39,27
Total	293.989	100,00	439.788	100,00	383.967	100,00	334.816	100,00	307.557	100,00	330.772	100,00	440.285	100,00
5,01 a 10														
Estável	31	0,04	54	0,03	43	0,03	51	0,04	49	0,05	82	0,07	160	0,10
Inferior	68.452	79,90	137.752	85,34	115.785	85,63	97.124	84,54	69.521	77,29	93.330	79,80	123.056	80,39
Superior	17.194	20,07	23.613	14,63	19.385	14,34	17.704	15,41	20.382	22,66	23.542	20,13	29.861	19,51
Total	85.677	100,00	161.419	100,00	135.213	100,00	114.879	100,00	89.952	100,00	116.954	100,00	153.077	100,00
Mais de 10														
Estável	4	0,01	9	0,01	5	0,01	14	0,02	10	0,02	36	0,05	42	0,05
Inferior	34.196	84,05	70.282	89,19	63.547	90,23	52.273	88,97	38.237	81,29	59.091	85,15	66.744	87,19
Superior	6.486	15,94	8.505	10,79	6.879	9,77	6.469	11,01	8.791	18,69	10.268	14,80	9.760	12,75
Total	40.686	100,00	78.796	100,00	70.431	100,00	58.756	100,00	47.038	100,00	69.395	100,00	76.546	100,00
Ignorado														
Estável	1.039	3,96	1.081	3,83	902	3,29	944	4,00	759	3,63	768	2,02	459	2,08
Superior	25.206	96,04	27.144	96,17	26.556	96,71	22.677	96,00	20.133	96,37	37.249	97,98	21.613	97,92
Total	26.245	100,00	28.225	100,00	27.458	100,00	23.621	100,00	20.892	100,00	38.017	100,00	22.072	100,00
TOTAL														
Estável	5.976	0,72	4.647	0,45	5.719	0,64	6.162	0,77	6.003	0,78	5.749	0,73	8.919	0,94
Inferior	424.369	51,18	612.412	58,93	556.371	62,22	484.519	60,19	387.414	50,32	444.912	56,62	540.587	56,89
Superior	398.822	48,10	422.077	40,62	332.101	37,14	314.367	39,05	376.512	48,90	335.147	42,65	400.692	42,17
Total	829.167	100,00	1.039.136	100,00	894.191	100,00	805.048	100,00	769.929	100,00	785.808	100,00	950.198	100,00

Fonte: RAISMIGRA/MTb 1989 a 1995.

Quanto ao segundo aspecto, de um modo geral, ocorre uma tendência de redução dos trabalhadores reempregados cuja remuneração no vínculo inicial era baixa entre 1989 e 1995. Em contrapartida, verifica-se um crescimento, com o decorrer dos anos, da proporção de trabalhadores que possuíam remuneração mais elevada, acima de cinco salários mínimos. Este grupo é o mais afetado pelas perdas salariais entre 1989 e 1995. Neste sentido, os dados estão mostrando uma inversão da tendência de recontrações por parte dos setores do mercado formal, fato que não ocorre na indústria de transformação brasileira.

Isto pode indicar que os novos estabelecimentos do setor formal ou os próprios estaleiros readmitem funcionários após o desligamento condicionados a um salário inferior. Este fato pode ser explicado, em parte, por um possível impacto da nova estrutura produtiva, verificada nos anos 90, sobre o setor formal. A reestruturação estaria provocando uma redução dos custos por meio do achatamento salarial. A principal consequência deste fenômeno é a deterioração da qualidade do emprego oferecido.

É interessante notar que os dados para os anos de 1994 e 1995 mostram que as recontrações ocorrem com perda salarial para os trabalhadores desligados da indústria naval do Rio de Janeiro que possuíam uma renda elevada no vínculo inicial. Uma possível explicação para este biênio pode estar associada ao aumento do salário mínimo a partir de 1994, com o Plano Real. Além disso, de acordo com Neri (1997), os trabalhadores do setor formal afetados pelo reajuste do salário mínimo de maio de 1995 apresentam uma maior probabilidade de migrar para o desemprego, a inatividade e a informalidade que os demais trabalhadores. Possivelmente este reajuste afetou a indústria naval fluminense, tendo em vista o elevado número de trabalhadores que transitam para fora do formal no ano de 1995.

Em um contexto geral de redução das recontrações, pode estar havendo indícios de que os trabalhadores que conseguem um novo posto de trabalho no mercado formal sujeitam-se a menores remunerações. De maneira um tanto quanto surpreendente, isso mostra que, mesmo fazendo parte de um dos sindicatos mais representativos do país, conforme destacam Grassi (1995) e Cardoso (1998), os trabalhadores desligados da indústria naval do Rio de Janeiro estão tendo perdas salariais que implicam deterioração da qualidade do posto de trabalho ocupado quando se refere ao indicador de renda média do trabalhador.

Um outro ponto a ser observado é a evidência de que a reinserção dos trabalhadores desligados da indústria naval do Rio de Janeiro no setor formal ocorre de maneira

distinta conforme o tempo entre o desligamento e a readmissão. É importante ressaltar que, conforme Bivar (1993), o número de pessoas desempregadas depende dos fluxos de entrada e do tempo esperado de permanência neste estado. Inicialmente, pode-se supor que os trabalhadores que permanecem menos tempo na condição de desligados possuem maiores probabilidades de reemprego com ganhos salariais.

Isto porque uma readmissão imediata, isto é, no mesmo ano do desligamento, minimiza as perdas referentes às habilidades e qualificações do trabalhador, tendo em vista o menor tempo de permanência fora do mercado formal de trabalho. Se as empresas que readmitem estão dispostas a remunerar melhor sua mão-de-obra recontratada, provavelmente buscarão trabalhadores mais qualificados e, portanto, que permaneçam menos tempo fora do mercado formal. De fato, esta hipótese se confirma em praticamente todo o período. Além disso, a tendência ao longo do tempo é de um decréscimo mais acentuado entre os readmitidos em anos posteriores.

4.3 - Estabilidade após a readmissão

Esta seção focaliza a probabilidade de permanência no emprego após a readmissão segundo o tempo de emprego no último vínculo. Pela Tabela 7, pode-se perceber um contexto geral de redução dos trabalhadores que permanecem constantemente no emprego com o tempo, onde 45,91% dos readmitidos em 1989 conseguem um emprego estável no setor formal. Tendo em vista a redução deste percentual ao longo dos anos, atingindo 34,01% em 1995, pode-se constatar uma considerável deterioração da qualidade do novo emprego do trabalhador.

Este argumento reforça-se ainda mais quando se considera que a maioria dos trabalhadores constantemente empregados, em todos os anos considerados, é representada por trabalhadores com menos de um ano de emprego no vínculo anterior à readmissão. O mais importante, contudo, é a tendência verificada por este grupo de trabalhadores ao longo do tempo. Embora se reduza de 47,14% em 1989 para 37,42% em 1996, a participação destes trabalhadores é a que menos se reduz dentre o percentual de estáveis. Logo, são os menos experientes que apresentam a maior propensão de obter um emprego estável, ao passo que os mais experientes apresentam as menores probabilidades de permanência no emprego após a readmissão, constituindo uma característica distinta da indústria de transformação brasileira (Tabela 8).

Tabela 7

Readmissão por tempo de emprego na indústria naval fluminense
1989-95

Tempo de Emprego	1989		1990		1991		1992		1993		1994		1995	
	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
0,0 a 11,9 M	1.899	47,14	1.103	42,31	611	40,36	343	42,56	404	39,07	499	31,15	476	37,42
1,0 a 2,9 A	1.096	45,97	763	35,79	355	33,78	234	34,36	121	26,30	207	25,56	327	33,13
3,0 a 9,9 A	562	45,36	326	33,57	213	35,74	164	35,42	72	21,36	170	22,55	358	32,14
10 ou + A	245	38,89	149	30,79	65	31,55	54	28,72	12	20,34	63	26,69	86	29,15
Ignorado	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	5	55,56	1	50,00
Total	3.802	45,91	2.341	37,79	1.244	36,95	795	37,18	609	32,22	944	27,68	1.248	34,01

Fonte: RAISMIGRA/MTb 1989 a 1995.

Tabela 8

Readmissão por tempo de emprego do último vínculo na indústria de transformação brasileira
1989-95

Tempo de Emprego	1989		1990		1991		1992		1993		1994		1995	
	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
0,0 a 11,9 M	520.359	44,53	456.488	39,57	348.928	37,51	237.111	34,33	235.398	33,96	272.814	36,02	344.071	35,40
1,0 a 2,9 A	299.691	50,78	222.972	37,65	180.300	30,44	120.033	31,25	113.629	32,23	140.246	42,82	148.403	35,08
3,0 a 9,9 A	131.405	52,16	124.040	39,27	121.790	41,97	82.629	34,23	68.576	32,00	97.585	37,35	125.044	38,04
10 ou + A	19.632	50,82	15.859	36,02	18.700	41,66	12.604	33,48	8.793	29,22	15.009	43,39	21.428	42,14
Ignorado	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	1.214	37,33	1.694	42,19
Total	971.087	47,39	819.359	38,91	669.718	38,36	452.377	33,41	426.396	33,05	526.868	36,51	640.640	36,02

Fonte: RAISMIGRA/MTb 1989 a 1995.

Caso se considere o tempo de emprego como uma medida não só da qualidade do emprego, mas também da qualificação dos trabalhadores, conforme sugere Cardoso (1998), o aprimoramento das habilidades e a mobilidade entre as diferentes funções podem ser relevantes para empresas e indivíduos. De acordo com Fallick (1993), os vínculos de longo prazo de trabalhadores desligados conferem-lhes habilidades e conhecimentos específicos.

Entretanto, os dados podem estar indicando que, dentro do universo de recontratados no setor formal, a experiência adquirida pelo trabalhador ao longo dos anos, bem como o trânsito entre postos de trabalho distintos estão sendo cada vez menos importantes para a estabilidade do novo vínculo. Este fato relaciona-se com a sobre-especialização do trabalhador, que deixa de ser requisito das empresas no mercado formal. Todas aquelas habilidades e treinamentos desses indivíduos, que se constituem características peculiares da indústria naval fluminense, estão sendo desperdiçados. Em outras palavras, o capital humano específico adquirido pelo trabalhador no curso de sua vida profissional não está sendo reaproveitado no novo vínculo.

CONCLUSÃO

No que se refere ao destino da força de trabalho readmitida, pode-se constatar a readmissão de trabalhadores desligados da indústria naval fluminense em direção a outros setores. Os serviços têm um papel mais importante na readmissão quanto maior a permanência do trabalhador desligado. A indústria, por sua vez, tem um desempenho oposto, recontratando menos com o passar dos anos. Verifica-se, portanto, uma migração da mão-de-obra entre a indústria naval do Rio de Janeiro e os demais setores, especialmente em direção ao segmento de serviços e setor secundário. Este último recebe um maior número de trabalhadores readmitidos no próprio ano do desligamento, enquanto o setor terciário absorve mais trabalhadores à medida que o *lag* temporal entre o desligamento e a readmissão aumenta.

Há, portanto, uma alta probabilidade de que o trabalhador da indústria naval deixe de desempenhar as atividades desenvolvidas ao longo de sua carreira, mesmo pertencendo a um sindicato forte como o dos metalúrgicos. Quando o trabalhador permanece na indústria naval, defronta-se com problemas relativos à baixa estabilidade. Como grande parte dos trabalhadores da indústria naval fluminense

direciona-se para outros setores de atividade, com destaque para os setores terciário e informal, seriam esperadas perdas salariais neste deslocamento. Os dados sugerem a validação deste argumento, caracterizando um movimento involuntário do trabalhador.

Uma outra constatação refere-se às empresas responsáveis pela readmissão no setor formal. Elas buscam trabalhadores com alta produtividade, isto é, provenientes de vínculos com elevadas faixas de remuneração média. Porém, recontratam esses trabalhadores com menores salários em uma tendência crescente, caracterizando a perda salarial. Além disso, os trabalhadores passam a receber menos quanto maior for o tempo que ficam fora do setor formal. Em geral, os dados sugerem que os trabalhadores readmitidos aceitam menores remunerações, mesmo fazendo parte de um sindicato forte e tradicional como o dos metalúrgicos.

Por fim, a participação dos indivíduos mais estáveis no emprego reduz-se com o tempo. Além disto, a maioria de trabalhadores estáveis apresenta pouco tempo de vínculo. Isto pode indicar que a sobre-especialização do trabalhador é determinante para a sua exclusão do mercado de trabalho formal. Todos esses fatores agregados evidenciam, portanto, uma deterioração da qualidade do posto de trabalho oferecido no setor no que se refere às readmissões.

BIBLIOGRAFIA

- AMADEO, E. *et al.* *A natureza e o funcionamento do mercado de trabalho Brasileiro desde 1980*. Rio de Janeiro: IPEA, out. 1994.
- BARROS, R. P. de *et al.* *Uma avaliação empírica do grau de flexibilidade alocativa do mercado de trabalho brasileiro*. Rio de Janeiro: IPEA, ago. 1997.
- BIVAR, W. *Aspectos da estrutura do desemprego no Brasil: composição por sexo e duração*. Rio de Janeiro: PUC/BNDES, 1993.
- CARDOSO, A. M. *Trabalhar, Verbo Transitivo: Trajetórias Ocupacionais de Trabalhadores da Indústria Automobilística. Dados-Revista de Ciências Sociais*, vol. 41, n. 4, Rio de Janeiro: 1998.
- CARUSO, L. A. *Trajetórias profissionais, empregabilidade e reconversão profissional*. Rio de Janeiro, SENAI/CIET, jul.1996. 19 p.

- CARUSO, L. A.; PERO, V. *Trajetórias intersetoriais dos trabalhadores desligados da indústria*, Rio de Janeiro, SENAI/CIET, 1997. 63 p.
- ELIAS, P. *Restructuring, reskilling and redundancy: a study of the dynamics of the UK labour market, 1990-95*. University of Warwick, 1997.
- FALLICK, B. C. The industrial mobility of displaced workers. *Journal of Labor Economics*. Chicago, vol. 11, n. 2, 1993.
- FREGUGLIA, R. S. *Aspectos da mobilidade dos trabalhadores da indústria naval fluminense*. Niterói: UFF, 2000 (Dissertação de Mestrado).
- _____. Uma análise da trajetória profissional dos trabalhadores desligados da indústria naval fluminense. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS DO TRABALHO, 7, 2001, Salvador. *Anais*, Salvador: ABET, 2001.
- GONZAGA, G. *Determinação do emprego industrial no Brasil: uma análise agregada e setorial*, Rio de Janeiro, SENAI/DN/CIET, 1996. 48p.
- GRASSI, R. A. *A indústria naval Brasileira no período 1985-94: uma análise histórica de sua crise atual e das perspectivas de mudança, a partir do conceito de competitividade*, Niterói: UFF, 1995 (Dissertação de Mestrado).
- IBGE. *Produção industrial anual*, 1990-1997. Rio de Janeiro, 1997.
- MENARD, Scott. *Longitudinal research. Quantitative applications in the social sciences*, London: Sage, n.76, 1991.
- MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO. *Manual de orientação da RAIS – Ano base 1996*, Brasília: Secretaria de Políticas de Emprego e Salário, 1996.
- _____. *Relação anual de informações sociais*, Anos base 1989-96. Brasília: Secretaria de Políticas Públicas de Emprego e Salário, 1996.
- _____. *Relação anual de informações sociais – migração de mão-de-obra*, Anos base 1989-96. Brasília: Secretaria de Políticas Públicas de Emprego e Salário, 1996.

NERI, M. O reajuste salarial de maio de 1995. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS DO TRABALHO, 5, 1997, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: ABET, 1997.

PERO, V. Rio de Janeiro: IPEA, nov. 1997 (Série Seminários).

_____. *Terciarização e qualidade no emprego no início dos anos 90*, Rio de Janeiro: IEI/UFRJ, 1995 (Dissertação de mestrado em economia).

SABÓIA, J. *Mercado de trabalho no Brasil – evolução e tendências recentes*, In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS DO TRABALHO, 4, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: ABET, 1995.

WELMOVICK, M; ALÉM, A; MOTTA, M. *A dualidade no mercado de trabalho: quantidade ou qualidade na geração de emprego?*, Rio de Janeiro: BNDES, v.1, n.2, p. 99-114, dez. 1994.